

O Olhar Sobre O Outro Descartável: A Representação Da Categoria Dos Catadores De Materiais Recicláveis Na Mídia

Look on The Other Disposable : Representation of The Category of Waste Pickers in The Media

Josiane Gothardo (Brasil).¹

Universidade estadual paulista

josi15_gta@hotmail.com

Resumo

O presente artigo busca compreender os conflitos existentes entre o que é considerado real e sua representação, em torno da apropriação e espetacularização da categoria dos catadores de materiais recicláveis por meio de imagens e discursos difundidos na mídia. Faremos inicialmente um recorte com base no documentário “Lixo Extraordinário”. A partir deste filme, buscaremos debater aspectos da sociedade e mídia, assim como as relações de produção de sentido em torno dos sujeitos, que tem como seu rendimento, aquilo que é descartado pela sociedade. Inseridos no meio do descarte, são muitas vezes comparados ou associados ao próprio rejeito da sociedade. De modo geral, realizamos uma reflexão do campo midiático, com enfoque na representação por meio do recurso audiovisual. Portanto, a representação na mídia pode evidenciar as causas da luta dos catadores, tornando pública suas reivindicações, retroalimentando a representação e o “real”. Assim, a fim de refletir a relação entre os discursos na sociedade, realizamos uma verificação e comparação em sites de dois jornais (O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo) com o intuito de aproximar as relações que circundam a temática.

Palavras-chave: Representação; catadores de material reciclável; reelaboração de discursos; imagem.

Abstract

This article seeks to understand the conflicts between what is considered real and its representation, around the ownership and the spectacularization of the category of waste pickers through images and speeches widespread in the media. We will initially make a cutout based on the documentary "Waste Land". From this film, we will seek to discuss aspects of society and media, as well as the relations of sense production around the subject, which has as its income, what is discarded by society. Inserted in the middle of disposal are often compared or associated with the offscouring of society. In general, we conducted a reflection of the media field, focusing on representation through audiovisual. Therefore, the representation in the media may show the causes of the struggle of pickers, making public their demands, feeding back the representation and "the real". Thus, in order to reflect the relationship between the discourses in society, we conducted a verification and comparison in two newspaper websites (O Estado de São Paulo and Folha de São Paulo) in order to approximate the relationships that surround the theme.

Keywords: Representation; waste pickers; speech's re-elaboration; image.

Introdução

O presente artigo tem como ponto de partida o documentário “Lixo extraordinário”, de Lucy Walker, 2010, em que é mostrado o processo de criação do artista plástico, Vik Muniz, que retrata alguns catadores do lixão de Gramacho, Rio de Janeiro, por meio de fotos e posteriormente as reinventa com materiais recicláveis. A grande repercussão ocorre depois da estreia do documentário. A equipe de catadores escolhida para compor o projeto, auxiliando na composição das novas fotografias, são expostos a outra realidade, a qual terminaria após quase dois anos de filmagem, e passam a imaginar uma vida diferente da que levavam no Jardim Gramacho.

Porém para compreender de forma mais aprofundada as relações que se estabelecem e compõem o cenário do descartável é importante lembrarmos a existência de outros aspectos envolvidos. Começamos por citar a questão do consumo, que gera resíduos e conseqüentemente o descarte, tanto de rejeitos quanto de materiais recicláveis. Apenas pela forma de denominar os resíduos (a divisão entre rejeitos e material reciclável), podemos notar a noção de lixo sendo ressignificada em nossa sociedade, bem como aquilo que se liga a ele, ainda de forma lenta. O próprio personagem principal do documentário “Lixo Extraordinário”, Tião Santos, afirma que “lixo é aquilo que não serve pra nada. Nós somos catadores de materiais recicláveis”, ele estabelece o valor de seu trabalho, deixando claro que não trabalha com aquilo que não serve para nada, mas com o que gera renda, insumos e novos produtos.

A representação do real imaginado

Propondo uma reflexão a respeito do “real” e suas representações, focamos em dois tipos sociais, para os quais Bauman (1999) denomina como “turistas e vagabundos”. Conforme Mendes (2011), os turistas seriam as pessoas que, inseridas na nova ordem da globalização, possuem mobilidade pelo mundo, compram coisas e movem a economia com seus recursos. Já os vagabundos seriam “os despossuídos da escolha de mover-se, os indesejáveis, que volta e meia são removidos dos espaços que ocupam” (2011, p.15).

Nesse sentido, nos cabe relacionar a ideia desenvolvida por Bauman (1999), referente ao consumo, à aceitação social de determinados grupos sociais. Por não serem vistos pelos demais como pertencentes ao seletivo grupo dos “turistas” são excluídos ou marginalizados, assim como aquilo que é sujo, desordenado ou impuro.

A partir dessa explanação podemos estabelecer um vínculo com a afirmação de Douglas (1991), sobre a noção de sujeira e impurezas, a qual começa a formar-se pela burguesia, sendo associada a questões morais, de pobreza e marginalização.

Estar à margem significa estar em ligação com o perigo (...) Quando o indivíduo não tem lugar no sistema social, quando é, numa palavra, marginal, cabe aos outros, parece, tomarem as devidas precauções, precaverem-se contra o perigo. (Douglas, 1991, p. 74).

Pretendemos com essa citação iniciar a discussão em torno da representação, daquilo que ao mesmo tempo em que é invisível é tão incomodo aos sentidos. Ao

relacionarmos o lixo e tudo aquilo que pode provir dele, temos, comumente, como resultado a exclusão ou o descarte a um lugar à margem, por se tratar de objetos que podem pôr em risco nossa forma de vida.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que o descarte gera a invisibilidade. É possível afirmar que em oposição a situação de invisibilidade temos a visibilidade, necessária para que múltiplos anseios coletivos encontrem seu lugar na sociedade e sejam estabelecidos. É nessa dualidade que se encontra a categoria dos catadores, cuja representação será estudada no decorrer do artigo. Nessa dualidade, a invisibilidade possui um rosto e sua imagem pode ser representada, seja por meio de recursos audiovisuais, fotografias ou outros tipos de meios e expressões artísticas. Em nosso artigo, restringimos a análise ao estilo documentário e as demais imagens (formadas a partir de discursos sociais) do catador de recicláveis na sociedade, buscando descrever o que elas nos falam a respeito da categoria, sociedade e mídia.

Analogamente, como demonstrado no documentário, é possível evidenciar a classe e suas lutas a partir da representação imagética. Talvez para quem assista ao filme com um olhar desavisado ou ingênuo, o enxerga como um recorte de uma imagem real, no qual seus idealizadores se propõem gratuitamente a dar visibilidade por meio da arte. Não discordamos da visibilidade proporcionada ou do potencial transformador da arte, porém devemos estudar os vários indícios que mostram além daquilo que é representado e midiaticizado.

No entanto, a mídia, como um espaço de disputa por visibilidade e, portanto, de poder, promove uma mudança neste paradigma quando espetaculariza o universo do descartável nas telas, reinserindo-o no ciclo do consumo, agora como produto cultural. Se o lixo representa o indesejável, quando midiaticizado, este passa a ocupar o lugar do desejável novamente, da mercadoria a ser consumida. (Mendes, 2011, p. 18).

Nesse ciclo, a imagem, seja ela em movimento ou estática, pode emergir e reafirmar representações, contribuindo para a manutenção ou alteração do imaginário, podendo ser usada como um método para se chegar ao objetivo e um ideal regulativo na sociedade, que mobilize e gere processos de inclusão social (como ocorrido após o fechamento do lixão de Gramacho, em 2012, em que Tião Santos, líder da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho - ACAMJG, após a estreia do filme, ganha visibilidade e transforma o espaço aberto em palco para expor a causa dos catadores, os quais vivem hoje um lento processo de transição e adaptação ao novo cenário do Polo de Reciclagem de Gramacho, o qual emprega 110 dos 1800 catadores).

A imagem, portanto, como afirma Flusser (1985, p. 7): são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação.

Assim, por mais que possamos identificar ou nos sensibilizar com determinada representação, ela é apenas a intenção de mostrar o real, através de um viés ideológico e cultural, e não pode ser confundida com o que entendemos ser a realidade. Segundo o autor, as imagens são capazes de guardar e transmitir conceitos, além de estimularem a

construção social, pois emergem do pensamento humano, mas se disseminam por toda a sociedade, produzindo sentidos e orientando ações individuais e coletivas.

Nesse sentido, precisamos refletir sobre os problemas das imagens controladas por discursos estabelecidos nas sociedades. Elas estão na mente de pesquisadores, políticos, científicos e daqueles que detêm a produção midiática. Se nos encontramos na parte oposta dessa minoria, a qual exerce esse controle, como podemos reescrevê-las? Pretendemos encontrar pistas que nos levem a responder essas questões, contudo, temos ainda mais perguntas que respostas.

Entendemos que para o controle dos discursos (exercido por aqueles que detêm o poder) funcionar é necessário uma sociedade que conserve ou produza discursos, distribuindo-os sob regras estritas de participação. Isso implicará em processos que podem mobilizar e/ou desmobilizar. Se pretendemos fomentar uma reelaboração das imagens construídas acerca dos fatos sociais, necessitaremos de uma transformação nos discursos. Segundo Polak (1973) as imagens criam e consolidam um referencial que orienta as ações do presente em direção ao futuro pretendido.

Portanto, aquilo que vemos no mundo só pode ser traduzido por meio de imagens e representações, que captam uma forma de apresentar a realidade, nunca sem um filtro do próprio indivíduo que a propõe. Dessa forma, podemos afirmar que não existe só uma representação válida, mas várias, pois em cada época é possível substituir algumas imagens por outras.

é a categoria do real (e não seus conteúdos contingentes) que é então significada; ou melhor, a própria carência do significado em proveito do único referente torna-se o próprio significante do realismo: produz-se um efeito de real, fundamento desse inverossímil inconfessado que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade. (Barthes, 2004, p. 43).

De acordo com Barthes (2004), portanto, existe um distanciamento entre o real e sua representação. Dessa forma, por se tratar de um produto audiovisual de estilo documental, tem-se o recorte da suposta realidade e um objetivo a ser perseguido durante a articulação do filme, também guiado sem sombra de imparcialidade, por esse viés ideológico.

Inserido na categoria de documentário, “Lixo Extraordinário”, é capaz de transmitir uma parte da “realidade” filmada durante os dois anos no Jd. Gramacho, através de um filtro ideológico e orientado a responder algumas questões iniciais, que cause identificação com o telespectador ao mesmo tempo em que cumpre com sua função na cadeia do consumo. Assim como Nichols (1997, p. 154) define sobre a representação por meio do documentário:

La representación tiene más que ver con la retórica, la persuasión y la argumentación que con la similitud o la reproducción. En resumen, el documental nos ofrece representaciones o similitudes fotográficas y auditivas del mundo. El documental representa los puntos de vista de individuos, grupos o entes que van desde un realizador solitario como Flaherty hasta el gobierno de un Estado pasando por la cadena CBS. El documental también expone una representación, o una defensa, o una argumentación, acerca del mundo explícita o implícitamente.

Com base nesses conceitos, a representação e os diversos conflitos existentes entre a realidade e aquilo que é veiculado como real, tem a imagem como mediadora e cumpre um papel de influencia sobre a sociedade e visão de mundo. Por meio da reelaboração dos discursos, pode-se ressignificar os sentidos produzidos por uma mesma imagem.

A partir disso, compreendemos que existem vários interesses que devem ser correspondidos por meio do produto audiovisual, tanto sociais como midiáticos e mercadológicos. A representação, por meio da imagem pode reafirmar ou desconstruir pensamentos e ideologias, auxiliar a mobilização dos grupos marginalizados e dar visibilidade a fatos até então ignorados ou desmobilizar e estereotipar ainda mais determinados grupos, subjugados pela invisibilidade.

A atividade de catador de material reciclável

Para melhor compreensão das representações discursivas e imagéticas, é importante nos referirmos aos conflitos e lutas que envolvem a categoria dos catadores atualmente. Os catadores de materiais recicláveis vivem, hoje, uma situação paradoxal. Por um lado, são responsáveis pela transformação do “lixo” em matéria-prima e mercadoria para grandes indústrias, desempenhando um papel fundamental em todo o processo. Por outro, encontram-se na base da pirâmide econômica. Sobrevivem em meio a inúmeras carências, desde profissionais a sociais, sendo, ao mesmo tempo, dependentes dos grandes compradores do material coletado. Vivem à margem social e de políticas públicas, que muitas vezes burocratizam ainda mais suas atividades, dificultando a organização da categoria. Mesmo sendo reconhecidamente agentes do meio-ambiente e da economia, os quais possibilitam a redução da extração de insumos naturais e auxiliam na economia de recursos, são, todavia, discriminados e amparados, principalmente, pelo braço da “invisibilidade”. O trabalho realizado, resultado de um processo conflituoso e excludente, só pode alcançar a visibilidade ou reconhecimento desejado a partir da reelaboração dos discursos, relacionando-os a elementos positivos da ocupação. Ao mesmo tempo em que participam da catação como forma de sobrevivência, inserem-se neste processo, muitas vezes, por falta de opção, quando se encontram em situação vulnerável, por desemprego, falta de capacitação profissional ou devido à pobreza e baixa escolaridade.

Em janeiro de 2012, a presidente Dilma Rousseff vetou o Projeto de Lei que previa a regulamentação da profissão de catador de material reciclável, com o argumento de que, segundo a proposta do senador Paulo Paim, não previa os benefícios pelos quais a categoria batalha a anos. O veto foi apoiado pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)², que busca a aprovação de uma regulamentação que não burocratize o livre exercício da atividade e confira proteção à categoria, como a de ser segurados especiais na previdência social. Na fala do senador, “o projeto não assegura proteção, mas proporciona visibilidade” através da regulamentação da profissão, algo que é rebatido pelo movimento, uma vez que, segundo eles, a legislação vigente proporcionou maior visibilidade. Conforme a categoria, a necessidade de se ampliar a proteção e o produzir reconhecimento, econômico e social, é o maior desafio.

Como se não bastasse a realidade de precariedade laboral, os catadores, mesmo exercendo uma atividade reconhecidamente benéfica para a sociedade, sofrem também uma série de preconceitos devido à própria natureza de sua atividade – neste caso, por trabalharem com o que a sociedade chama de lixo (IPEA, 2013, p. 7).

As relações sociais produzidas pelos conflitos existentes ao redor do catador resultaram em uma “invisibilidade” pelo poder público e sociedade, em geral. Esse contexto provoca ainda mais o isolamento desse público juntamente às suas carências. No entanto, é importante destacar que a categoria é marcada por forte heterogeneidade entre seus integrantes, desde os mais engajados em lutas pela classe, até aqueles que trabalham de maneira individual. A diversidade representa um desafio, principalmente às cooperativas, que devem exercitar-se na aprendizagem da participação e busca por conhecimento para se fortalecerem frente às novas dinâmicas da função.

O documentário e a visão do descartável

O documentário “Lixo extraordinário” ou sua versão em inglês “Waste land” remontam, a começar pelo título, à ideia que temos de lixo³. O título em português evoca algo inusitado que parte do lixo, já “Waste land” parece prever a impossibilidade de que algo vivo seja capaz de surgir desse meio. Tanto em uma versão quanto em outra, os personagens tem como fala predominante o inglês, inclusive os produtores brasileiros que participam do longa. Os únicos que fogem a essa regra são os personagens do Jardim Gramacho, além dos momentos em que os produtores interagem com eles.

Nesse sentido, as falas parecem evidenciar a existência de uma divisão entre “aqueles que falam” e “aqueles que não falam” o idioma. Conforme o conceito proposto por Bauman (1999), podemos encontrar semelhanças entre os “turistas” e “vagabundos” descritos por ele. A língua que os turistas falam, predominantemente, é o inglês, portanto, aquele que não domina a linguagem é colocado à margem ou já pertence a ela. Dessa forma, entendemos que, além de ser um recurso atrativo para o contexto mercadológico, também pode ser uma forma de exclusão, demarcando as diferenças existentes entre eles, catadores e produtores. Logo no início do documentário, Muniz, sentado em frente ao computador, parece avaliar algumas imagens do lixão via satélite e dialoga com sua esposa sobre o projeto que pretende realizar. Diz que encontraria no Jardim Gramacho “as pessoas mais rudes em que podemos pensar” e que lá é “para onde vai tudo o que não é bom”. Essas falas confirmam o estereótipo que aqueles que lidam com o rejeito carregam e os aproximam mais da imagem que temos do próprio lixo (algo que deve ser descartado, marginalizado, tirado do convívio civilizado, escondido dos nossos sentidos e fora do alcance da sociedade). A fala anterior de Janaína, esposa do Vik, acentua ainda mais essa diferença entre os grupos, sua capacidade de compreensão e o que pode ser bom ou mal conforme o lugar em que se ocupa na sociedade. Ela questiona se o projeto seria prudente, uma vez que pode trazer riscos a saúde. Muniz afirma que “eles [os catadores] não questionam”, e ela replica com “nós questionamos”.

Ao final do longa percebemos que, simultaneamente a essas afirmações, propõem evidenciar o processo de transformação, não só do “lixo”, mas dos preconceitos entre produtores e catadores. No início, são falas pejorativas e conforme o

desenrolar do longa, pretendem destacar uma mudança a respeito dos juízos sobre o local e as pessoas. No entanto, suas atitudes, por meio das imagens, parecem contradizer as falas de compreensão e valor, sutilmente. É o caso de quando estão na exposição de seus retratos confeccionados, “Retratos do Lixo”, no museu, e Vik parece não compreender a alegria evidenciada no choro dos personagens, dizendo a uma das catadoras (Irmã) “deixa disso Irmã, é hora de ser feliz, não precisa chorar não”. Como se choro não pudesse ser expressão de alegria. Contudo, no Museu de Arte Moderna durante a exposição dos retratos, se reconhecem diante das fotos e apontam suas respectivas colaborações em cada detalhe da exposição. Revelam satisfação e sentem-se valorizados por serem representados como obras de arte.

Estas e outras imagens demonstram algumas das intenções sobre as quais se fundamentam o documentário. Mesmo trabalhando uma aparente arte transformadora, está impregnado de ideologias e interesses mercadológicos, em que a mudança real na vida das pessoas passa a ser apenas uma consequência, que pode não ocorrer. Por outro lado, a visibilidade dada ao trabalho do artista se torna o centro do longa.

O documentário propõe um trabalho artístico com os catadores, que ficarão a cargo dos produtores durante o período de gravação do filme. Os retratos feitos com materiais coletados, e posteriormente higienizados, do lixão passam a compor as obras. Destacamos que não são quaisquer materiais, mas os limpos. Mesmo mantendo um vínculo com o lixão, por meio dos objetos retirados do local e das pessoas que vivem nos arredores, a vivência dos produtores com o cotidiano dos catadores se torna mínima e não compartilham de seus nós críticos diários.

Alguns dos catadores, após o término das gravações não se imaginam voltando ao lixão para trabalhar, e começam a pensar em caminhos alternativos que colaborem com essa finalidade. Os catadores representados são mães, pais, trabalhadores que partiram para a ocupação com material reciclável em busca de uma solução financeira imediata, e acabaram permanecendo, alguns desde muito jovens, deixando os estudos e outras atividades.

Uma das catadoras, Isis, fala que pediu para Fábio, o auxiliar de Muniz, que a deixasse trabalhar junto a eles por 350 reais. Ao final do trabalho, ela diz “eu quero brindar com meu patrão!” se referindo a Vik. Percebemos, no entanto, que o trabalho participativo não teve espaço prioritário, no sentido mais amplo da palavra, em que é proporcionado aos indivíduos a autodescoberta de suas capacidades e aptidões diversas. Mas denota a existência de um artista e que eles estavam a serviço dele. Os catadores não foram os atores principais.

Ao fim do documentário as mudanças nas vidas dos personagens são pontuadas: Irmã, deixa de cozinhar no lixão e abre uma mercearia, Isis se casa e procura outro emprego, Zumbi consegue realizar o sonho de inaugurar uma biblioteca dentro da Associação, Magna vai trabalhar em uma farmácia, Suelem, de 19 anos, tem o terceiro filho e Tião é reconhecido como líder da Associação e responsável por viabilizar mudanças no Jd. Gramacho. Os “Retratos do lixo”, nome dado à exposição, arrecadou mais de 250 mil dólares e foi revertida para a ACAMJG, a qual construiu um centro de ensino, visando preparar os catadores para a transição que passariam com o fechamento do aterro em 2012.

Essa mudança é reconhecida como resultado da grande repercussão do documentário e ao mesmo tempo encontra-se fundamentada no desejo de transformação, que os catadores possuem. Cada um deles, motivados por um sonho, desejo, revoltas e outras circunstâncias, querem ser reconhecidos, seja trabalhando dentro do Jd. Gramacho ou em outro ambiente, que lhes proporcionem mais segurança e proteção, além de aceitação social.

No documentário, especificamente, pode haver a identificação com os personagens o que implica em uma análise aprofundada do mesmo, pois podem passar despercebidas as contradições entre o que é feito e o que pode ser ouvido, falado. Os catadores demonstram-se fortes e vulneráveis ao mesmo tempo, cheios de sonhos e, muitas vezes, resignados. Os produtores são inteligentes, capazes de compreender o complexo contexto em que os catadores vivem e descortinam um mundo inusitado dentro daquele em que passaram anos de suas vidas. Parece não haver conflitos entre grupos. Contudo um olhar atento revela a fragilidade das ações e relacionamentos, que tendem à manutenção de um sistema e seu ciclo (trabalhos subalternos, desemprego, falta de estrutura financeira e familiar, etc). Essa ambiguidade está presente tanto em imagens como em discursos produzidos pela sociedade e mídia, como veremos a seguir, por meio de uma busca textual de palavras que se relacionam ao contexto do catador.

As imagens dos catadores na mídia impressa.

A fim de compreendermos as ligações entre os discursos e imagens na sociedade, realizou-se a busca textual por palavras relacionadas ao cotidiano do catador, assim como sua titulação social, em jornais de grande circulação. A comparação se deu entre os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, com o intuito de verificar as articulações e repetições no processo de ressignificação da categoria.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), aqueles que trabalham com o material reciclável são considerados pela legislação como “catador de material reciclável”, “selecionador de material reciclável” e “operador de prensa de material reciclável”⁴. As titulações divergem, portanto, entre aquilo que é estabelecido de fato como o nome da ocupação e como é reconhecida e intitulada pela sociedade. Constatou-se que comumente estabelece-se a relação entre “catador de lixo” para os indivíduos que vivem da ocupação de selecionar os materiais recicláveis, sua preparação e venda ou que o termo reciclável acompanha a expressão “catador de lixo reciclável”. Essa expressão no entanto, apresenta contradições, uma vez que “lixo” e “reciclável” são elementos substancialmente diferentes: o primeiro é rejeito e não pode ser comercializado em sua forma original (pode ser transformado em matéria-prima, e assim, movimentar a economia, como adubos e gás, por exemplo), tendo como correta destinação o aterro sanitário. Já o segundo mostra-se como matéria-prima em seu estado original, movimenta a economia, gerando novos postos de trabalho e renda familiar, tendo como correta destinação a reciclagem, que o faz retornar ao processo produtivo.

Portanto, aquilo que consideramos lixo (e todo seu entorno pejorativo de descarte e afastamento) associa-se aos objetos recicláveis quando há o desconhecimento e o predomínio de discursos dominantes não esclarecedores, também difundidos pela mídia. Meio esse em que deveria estar subentendido a responsabilidade de prestar esclarecimento à população, e promover espaços de discussão sobre diversos temas.

Em nossa pesquisa, a busca textual realizada no portal da Folha de São Paulo retornou resultados híbridos e reportagens permeadas de tratamentos pejorativos e pouco respeitosos em relação à categoria ou às pessoas descritas. Quando buscamos por “catador material reciclável” o portal retornou apenas 22 resultados, sendo que o primeiro resultado data de março de 2007. São resultados, que em sua maioria, tratam sobre questões relacionadas ao material reciclável e não se relaciona diretamente ao catador, portanto, resulta em textos híbridos, sem foco no catador. Provamos também “catadores material reciclável”, no plural. Essa busca englobou o termo no singular (“catador material reciclável”) e acrescentou outras, desde 2005, totalizando 54 notícias. Um fato curioso observado, é que mesmo em textos em que há o tratamento pela titulação acordada na CBO, em algum momento pode aparecer outros termos que destoam dessa definição.

Por exemplo, um texto recente, do dia 06/11/2014, traz em seu título “Catadores do Recife 'usam' aplicativo para fazer reciclagem”, uma foto de uma bicicleta usada para o trabalho, e ao fundo uma reunião dos catadores, vem acompanhada da legenda “Moradores do Recife usam aplicativo para chamar catador para recolher o lixo reciclável”, logo no lead tem-se a frase “Em um mundo cada vez mais tecnológico, até os catadores de lixo são hi-tech”, demonstrando que há ainda falta de esclarecimento pelos próprios jornalistas, os quais produzem e reproduzem discursos. O espaço deveria ser usado para o esclarecimento da função à sociedade implicando em maior conhecimento e respeito (colaborando para reelaboração dos discursos sociais e recorrente diminuição de estereótipos pejorativos), também como parte da responsabilidade que cabe à mídia, uma vez que se usa das imagens da categoria na veiculação de notícias.

Para maior reflexão, procuramos por “catador de lixo”, a forma mais comum de tratamento ainda hoje. O resultado, portanto, retornou 140 notícias, desde março de 2001. A busca também foi realizada no plural, “catadores de lixo” e retornou 266 resultados. As informações são híbridas, por exemplo, quando afirmam “catador de lixo reciclável” ou palavras separadas como “lixo” e em outra parte da frase “catador” que vinculam-se a aspectos de sentido diferentes ao pesquisado, contudo, não invalida a predominância da forma de tratamento.

Percebe-se que os resultados anteriores a 2012 tem a prevalência do termo “catador de lixo” como ocupação e após esse ano encontram-se mais dispersos pela frase. Foi observado outros termos adjacentes (rua, coletor, leis, salários, discriminação, violência, etc) e diversas referências ao longa “Lixo Extraordinário” e ao seu personagem principal, Tião Santos.

O segundo jornal em que realizamos a busca textual foi O Estado de São Paulo. Embora as informações sejam de igual forma híbridas, percebe-se um maior rigor a respeito do sentido conferido às ocorrências, as quais se referem, em sua maioria, à atividade de catador. A primeira busca, com vistas na comparação entre os jornais, foi “catador material reciclável”. Ao contrário do jornal Folha de São Paulo, não houve diferenciação, entre o plural e singular. De forma geral, as reportagens se vinculam mais ao catador que ao material que é coletado.

A busca exibiu 284 notícias, desde novembro de 2000. Contudo, de forma geral, entre notícias, fotos, áudio, vídeo e acervo tem-se 338 ocorrências. Demonstrou-se

bastante fiel à titulação da CBO e condizente, em seus textos, à definição proposta na Classificação. É possível, também, observar em qual seção aparece o termo, constando na aba Editoria e Assuntos. Portanto, constatamos que as especificidades em que mais se enquadram, em Editoria (depois de SP e Geral), são política e economia. Vinculam-se, na aba Assunto, às seções Dilma, Lula, Reciclagem, Lixo. O gráfico gerado com base no acervo (51 notícias, as quais não foram verificadas para este artigo), mostra que a utilização do termo iniciou-se na década de 1990, havendo um pico na década de 2000 e retornando a faixa anterior em 2010.

Também introduzimos o termo “catador(es) de lixo”, o qual retornou a presença de 681 matérias com a citação de alguma das palavras no texto. Entretanto, mostra-se menos específica, pois associa, frequentemente, o catador de material reciclável a outras informações adjacentes, como lixão, rua, lixo reciclável, lixo orgânico, leis, violência, objetos encontrados no lixo por catadores, entre outros, não se referindo ao próprio catador como na Folha de São Paulo. Assim, no jornal Folha de São Paulo encontramos referências diretamente à atividade, com a expressão “catador(es) de lixo”, referindo-se à ocupação nesses moldes. Já no O Estado de São Paulo, não foi a característica predominante; as palavras que representam o cotidiano da categoria encontram-se dispersas pela frase e dão ênfase ao catador como “catador de material reciclável” e não de lixo.

Apesar disso, visto o amplo universo de reportagens (681, com início desde março de 2000, desconsiderando o acervo – 417 – vídeos – 4 – fotos – 2 – e áudio – 8), o número de matérias que se refere à atividade “catador(es) de lixo” é elevada. Recentemente, no dia 12/12/2014, uma notícia abordou a transformação das carroças de “catadores de lixo”. Outra, de novembro do mesmo ano, diz que a presidente Dilma participaria de “Natal dos catadores de lixo”. Da mesma forma, algumas notícias davam destaque ao documentário “Lixo Extraordinário” e a repercussão na vida dos catadores do Jd. Gramacho, como Tião Santos.

A verificação das ocorrências foi limitada às notícias, contudo, fazemos um parêntese para observar que o acervo (composto por 417 notícias) do jornal, demonstra a oscilação da presença do termo na sociedade. Os registros datam a partir de 1880 e se mantiveram até a década de 1910, ressurgindo com a mesma intensidade em 1960, com um aumento gradativo na década de 1990. O gráfico demonstra o registro de um pico na década de 2000, que entrou em declínio em 2010.

Nesse sentido, observamos, com base na pesquisa realizada no dia 07/04/2015, que os discursos, os quais permeiam as discussões e representações se transformam conforme a época e passam por filtros ideológicos e profissionais, capazes de (re)construir e reforçar imaginários coletivos. É notável que em muitas das reportagens ao invés de emancipá-los como cidadãos e auxiliar na reelaboração dos discursos sociais, confirmam os discursos dominantes e pejorativos.

O discurso da representação como afirmação da realidade

A partir da linha de raciocínio construída, é possível compreender que a representação do real possui diversos níveis, os quais dialogam com as convenções sociais, ao mesmo tempo em que podem ser recriadas pelo “real”, antes representado. Nesse sentido, ela pode ser tão intensa que se torna mais “real” que o próprio real. Partindo dessa reflexão, trabalhamos sobre a hipótese de que a representação pode gerar

ressignificação ao redor de um tema, pois analogamente proporciona visibilidade para a mobilização de grupos, antes desorganizados, os quais podem ganhar espaço para o debate da sua causa com a sociedade, assumindo uma amplitude maior.

Tomamos um exemplo. Tião Santos é mostrado ao final do documentário concedendo uma entrevista ao “Jô”, nessa ocasião atua sobre o espaço aberto pela visibilidade, afirmando a importância do trabalho do catador e deixando claro que a denominação “catador de lixo”, “xepeiro” está ultrapassada, sendo fruto de articulação e reflexão por parte da categoria com a sociedade e cabe a mesma respeitá-los e enxergá-los como tal. Assim sendo, Tião como voz autorizada e visível na mídia pode contribuir para mudar a visão da sociedade sobre os catadores através da reelaboração do discurso. A categoria quando ressignificada para profissional, também pode transformar a maneira de atuar. No final do ano de 2014, participou do programa “De frente com Gabi”, não mais como, somente, o líder da ACAMJG, mas participante de diversas instituições envolvidas com a questão ambiental (como o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES), garoto propaganda da Coca-Cola e principal rosto do movimento “Eu sou catador”, “Limpa Brasil, Let's do it”. Isso nos sugere que o documentário ampliou o poder de expressão da categoria, juntamente a outros discursos difundidos na sociedade.

A categoria pode encontrar um espaço aberto, por meio da espetacularização produzida pela mídia, mesmo que representada por um único personagem principal e que, possivelmente, a maioria viva circunstâncias diárias ainda tão difíceis quanto antes do documentário ou simplesmente desconheçam as implicações em seu cotidiano.

Nesse sentido, a compreensão do conflito existente entre a representação e o “real” nos permitirá uma visão mais crítica sobre o tema, gerando discussão e possibilitando mudanças a partir dos discursos que permeiam a sociedade. Entende-se que a reelaboração do discurso por meio da imagem se fundamenta na prerrogativa que o discurso pode ser reelaborado. Segundo Foucault (1996), todo o discurso é construído, portanto, existe em sua constituição perigos e poderes, que são restringidos por procedimentos internos e externos e por um sistema de exclusão. Dessa maneira, podemos afirmar que o poder (como Foucault aponta, é capilar e perpassa todas as micropráticas sociais), atua como um sensor que controla, seleciona, organiza e redistribui o discurso, que passa por vários procedimentos que visam refrear os perigos do aleatório⁵.

Depreende-se de sua obra que para o controle funcionar é necessário uma “sociedade do discurso”, a qual tem a função de conservar ou produzir discursos e distribuí-los, mas somente segundo regras estritas (como doutrinas religiosas, políticas ou judiciárias). Pelo fato de o discurso estar permeado em toda a sociedade, a construção de novos discursos torna-se especialmente difícil, pois estarão vinculados de forma direta ou indireta, a um discurso conhecido ou, até mesmo, presente de forma silenciosa em suas entrelinhas. Assim, não estaríamos criando algo novo, mas remodelando o já existente.

Portanto, para Foucault (1996, p. 25) o novo discurso “deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no

entanto, não havia jamais sido dito”. Poderíamos metaforizar dizendo que assim como um fio se liga ao outro formando tecidos, um novo discurso se liga ao outro formando verdades ou alterando-as. Para ele, nos apropriamos de discursos e o autor (aquele que profere) é responsável por reacomodá-los em momentos diferentes, criando algo “novo”, sendo passível de mudança, pois desloca-se com facilidade. Todo o discurso repousaria sobre um já dito.

Sendo assim, dentro do sistema de controle do discurso por exclusão enfocamos, entre vários princípios, a palavra proibida, que possui três tipos de interdição: o tabu de objeto (nem tudo pode ser falado), o direito de fala (direito privilegiado) e o ritual de circunstância (não se pode falar tudo em qualquer lugar). Em resumo, seria o que pode ser falado, em que lugar, por qual pessoa. Seguindo este raciocínio o que é considerado verdadeiro está apoiado sobre um suporte institucional, o qual reforça e reconduz o discurso por meio de um conjunto de práticas (como os livros pedagógicos, etc) e pelo modo como o saber é aplicado, valorizado e distribuído na sociedade. Como o autor afirma (Foucault, 1996, p. 44) “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

O conjunto de regras que fornece a validade do discurso existe na sociedade de forma estrutural e mecânica, sendo tão sutil que devemos fazer um esforço consciente para pensar de que maneira estão inseridos e exercem controle na sociedade. Não é algo que reproduzimos porque sabemos, mas que é inserido pela repetição dos processos.

Nesse sentido, nos cabe mencionar a noção de verdadeiro. Aquilo que pode ser colocado “no verdadeiro” são esses discursos validados. É importante frisar que esse tripé (ritual de circunstância, direito de fala e tabu de objeto) pode mudar conforme a época, não sendo estático. Por exemplo, algo que era considerado tabu de objeto, atualmente é falado e pode ser dito em diversos grupos. Portanto, estar inserido “no verdadeiro” depende da época. Algo inovador para o presente pode ser considerado loucura e por consequência, nunca validado. Ao contrário, algo que vai de encontro com a disciplina do discurso da época, mesmo que seja engano, pode ser validado. Os discursos vão colaborar na reprodução e manutenção das verdades oficiais, para aquilo que é considerado realidade.

A resignificação do lixo e a reelaboração de discursos sociais

A mídia desempenha importante papel na (re)configuração de imaginários e representações, pode contribuir com a manutenção ou transformação das percepções de mundo, resignificando e reelaborando discursos. As representações sociais, portanto, estabelecem conexões com a prática social, mesmo retratando parcial e ideologicamente as narrativas por meio das imagens e discursos.

Conforme Certeau (1982) as narrativas são estratégias de representação do outro, mantendo uma relação entre passado e presente, o esquecido e o agora. Nesse sentido, o discurso se fragmenta no curso da história, deixando brechas que devem ser preenchidas. Como um morto que já não pode contar sobre os fatos de sua vida por si próprio, e necessita da voz alheia para recontá-la, assim é a reescrita daquilo que é inaudito. O inaudito, segundo o autor é “aquilo que, do outro, não é recuperável – uni ato precívél que a escrita não pode relatar” (Certeau, 1982, p. 215). Assim, o outro

assume o papel dentro dessas fendas criadas, sendo recriado pela visão de quem o percebe.

Portanto, o catador ora relacionado ao lixo e ora ao extraordinário, pertence, enquanto representação, à dimensão da realidade de quem o descreve, fortalecida pelos discursos que a circundam. “Ao dar valor ao lixo, por meio de seu trabalho, o catador acaba por renomeá-lo, alimentando o próprio processo de ressignificação positiva de sua atividade laboral” (Benvindo, 2010, p. 71, apud IPEA, 2013, p. 5).

Assim, a construção do outro se relaciona à estruturação dos grupos e aos processos de socialização que ocorrem na sociedade, por isso a representação (do outro) está intrinsecamente ligada à nossa percepção e ao grupo que julgamos pertencer.

No entanto, a ressignificação daquilo que é considerado lixo, no sentido impuro da palavra, mostra-se um processo a longo prazo, por meio de discursos e ações, que busquem estabelecer uma relação entre os benefícios sociais e econômicos e a atividade desenvolvida. Nesse contexto, podemos citar os discursos sustentáveis, uma vez englobados por organizações e suas marcas, emergem a partir do capitalismo e propõem um estilo de vida sustentável. São discursos, que em suas entrelinhas, apoiam até mesmo o lucro exacerbado, desde que seja sustentável. Impulsionado pelo discurso consciente e sustentável, consegue atingir um público de consumidores cada vez maior.

Considerações finais

Ao relacionarmos as representações do real e o “real” percebemos, por um lado, a existência de uma suposta “encenação” por aqueles que pretendem mostrar o real e, por outro, aqueles que são representados encenam frente à câmera à procura de um espaço de visibilidade. Uma busca por atuar sobre as imagens para emergir ao mundo do poder, em busca de um espaço simbólico, filtrado e ideológico.

Para refletirmos sobre a representação do outro por meio do documentário, realizamos uma busca textual em dois jornais de grande circulação. Portanto, o documentário “Lixo Extraordinário”, repleto de ambiguidades, representa o outro através de parâmetros próprios (uma característica inerente às representações) e desperta a empatia para suas causas, dores, alegrias e formas de vida. Contudo, a reelaboração dos discursos parece se relacionar mais a fatores mercadológicos que ser em si um elemento motivador, que pretende dar visibilidade.

Por outro lado, a busca textual realizada com o jornal Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, nos proporcionou uma visão mais ampla sobre a influência dos discursos midiáticos nas imagens que temos da realidade e como circulam pela sociedade produzindo significados ou reproduzindo valores, os quais se alteram conforme a época. Quando, por exemplo, se refere a “catador de material reciclável” nas notícias, no jornal a Folha de São Paulo, a busca se relaciona aos elementos do cotidiano como material reciclável, reciclagem, metas, leis sobre resíduos, etc, e ao citar “catador de lixo”, o termo se relaciona à pessoa, e os textos reforçam a ideia de que catador de material reciclável é catador de lixo.

O entorno dos objetos parecem merecer mais destaque que o próprio indivíduo, assim, podemos considerar uma aparente “coisificação” do outro como ser descartável. Nosso intuito, por meio deste artigo, foi proporcionar uma reflexão sobre as construções discursivas e relacioná-las às imagens existentes na sociedade, as quais representam grupos ou pessoas. Ao mesmo tempo, as representações podem proporcionar um espaço aberto, uma “brecha” para que os personagens tenham visibilidade e possam atuar sobre ela, por meio da espetacularização, em prol de suas causas e lutas, possibilitando a reelaboração dos discursos sociais.

Referências

- BARTHES, R. (2004). O efeito do real. São Paulo: Martins Fontes.
- BAUMAN, Z. (1999). Modernidad líquida. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- CERTEAU, M. (1982). A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- DOUGLAS, M. (1991). Pureza e perigo. Lisboa: Edições 70.
- FOUCAULT, M. (1996). A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola.
- FOLHA DE SÃO PAULO (2015). Disponível em: <<http://search.folha.com.br/search?q=catador%20material%20reciclav&site=online>>. Acesso em: 07 de abr. 2015.
- FLUSSER, V. (1985). Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Ucitec.
- LIXO EXTRAORDINÁRIO (2010). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>> Acesso em: 04 dez. 2014.
- MENDES, G. (2011). Táticas e Estratégias no Discurso do Personagem da “Vida Real” Tião Santos. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
- NICHOLS, B. (1997). La representación de la realidad: cuestiones y conceptos sobre el documental. Barcelona: Editorial Paidós.
- O ESTADO DE SÃO PAULO (2015). Disponível em: <<http://busca.estadao.com.br/?q=catador+material+recicl%C3%A1vel&pagina=29>>. Acesso em: 07 de abr. 2015.
- POLAK, F. (1973). The image of the future. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company.

Notas

¹ Relações Públicas (Unesp) e aluna do mestrado, Unesp/Bauru. E-mail: josi15_gta@hotmail.com.

² Informações disponíveis em: <http://www.mnccr.org.br/box_1/notas-e-declaracoes/nota-publica-sobre-a-regulamentacao-da-profissao-de-catador-de-materiais-reclaves>. Acesso em: 02 de abr. 2015.

³ Além do termo “lixo” ser rejeitado em razão das conotações negativas que a palavra traz, deve-se mencionar, também, que, semanticamente, ele só é aplicável a quem o descarta. Para as pessoas que recolhem o material e lhe dão um destino diferente do descarte, o termo “lixo”, no estrito sentido do termo, não é correto, já que se trata precisamente do material que irá ser aproveitado para lhes prover o sustento (Magalhães, 2012, p. 44).

⁴ Informações disponíveis em: <http://www.mtecho.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 07 de abr. 2015.

⁵ Seria o tipo de discurso que não se vincula a outro, portanto, não tem caráter contínuo, foge das regras estritas e da disciplina discursiva.